



# REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

## O axé de antigos *Itãns* como literatura

*Dr. Jorge Garcia Basso<sup>1</sup>*

**A**s mudanças curriculares trazidas pela lei 10.639/2003, seguida de forma complementar pela lei 11.645/2008 (BRASIL, 2003; 2008), que determinaram o ensino de história da África, das culturas afro-brasileiras e indígenas na educação básica no Brasil, dinamizaram a luta política pela descoloniização do currículo e da cultura escolar brasileira, desafiando

---

1. Doutor em educação pelo programa de estudos pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (EHPS/PUC-SP), pós-doutorando no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB – Campus Malês – BA). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1027-1985>. E-mail: [garciabasso@gmail.com](mailto:garciabasso@gmail.com)

*Dr. Jorge Garcia Basso*

educadores e gestores educacionais no que tange ao trabalho pedagógico, com vistas à superação do racismo epistêmico no cotidiano escolar. As alterações promovidas por essa legislação fizeram emergir aspectos complexos e centrais da elaboração da nacionalidade e da identidade brasileira, relacionadas às maneiras como as heranças indígenas, africanas e escravistas deixaram suas marcas.

Desde meados do século XX, homens e mulheres de culturas profanadas e estigmatizadas vêm conquistando voz, pondo em evidência intimidades de agressões seculares contra determinados sujeitos e culturas, que abalaram fronteiras epistêmicas e campos disciplinares consolidados, essas novas vozes fazem estremecer “um passado que parecia definitivamente organizado”. Impondo-se como fontes valiosas que marcam a insurgência de cosmovisões e poéticas extraocidentais que chegaram aos “olhos e ouvidos de artistas e intelectuais sensíveis às diferenças e ao novo”, e vêm interrogando colonialidades de saberes e poderes (SARLO, 1995, p. 59-60).

Se a razão iluminista racializou e legitimou conhecimentos e formas de ser e viver, torna-se indispensável aos educadores questionar esses pressupostos epistêmicos, com vistas a descolonizar cotidianos a partir dos sujeitos que têm em “cor-

*O axé de antigos Itâns como literatura*

pos, línguas e expressões artísticas, âncoras de outras memórias e diferentes viveres”, colaborando para o alargamento das gramáticas nos horizontes epistêmicos dos ambientes escolares e formativos (ANTONACCI, 2014, p. 335).

Para tanto, o reconhecimento de diferentes modelos civilizatórios, para além do europeu, possibilita-nos visibilizar marcas de diferenças coloniais como propunha o médico psiquiatra da Martinica Franz Fanon<sup>2</sup>, que “combateu o colonialismo e o racismo na Europa, África e Caribe, denunciando violências de uma civilização que leva o Outro a viver como estranho, condenado e despersonalizado em sua morada” (ANTONACCI, 2014, p. 336). O reconhecimento de diferentes visões de mundo, concepções de tempo, trabalho e sociedade, implicam na necessidade de abordagens pedagógicas que não considerem as culturas africanas, afro-diaspóricas e indígenas como atrasos civilizacionais a serem eliminados ou substituídos pela boa cultura branca e ocidental.

---

2. A expressão refere-se às ideias defendidas por Franz Fanon, em seus textos: *Condenados da terra e Pele negra, máscaras brancas*. Ver: F. Fanon (1968, 2008).

*Dr. Jorge Garcia Basso*

O escritor queniano Ngugi Wa Thiong'o, pesquisando contos, canções, provérbios e adivinhações em idioma Kikuoio, chama nossa atenção para a força do ensino de literatura oral como fonte para a produção da literatura africana moderna, que, articulada à sua herança ancestral, poderá se abrir a outras ideias e formas sem perder suas raízes (THIONGO, 2015). Nessa perspectiva, a obra infantil e juvenil de Reginaldo Prandi dedicada à mitologia iorubá: *Os príncipes do destino* (2001), *Ifá, o adivinho* (2002), *Xangô, o Trovão* (2003), *Oxumarê, o arco-íris* (2004), *Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo* (2007) e *Aimó: uma viagem pelo mundo dos orixás* (2017), se apresenta como um artefato pedagógico de extraordinário valor artístico e literário, sintonizado com os desafios que as atuais diretrizes curriculares brasileiras nos impõem. O autor compõe tramas narrativas fundamentadas na literatura oral iorubá adaptada para crianças, além de dois romances dirigidos ao público juvenil que demonstram a equivalência dessa mitologia a qualquer outro conjunto mitológico de matriz europeia.

É cada vez mais urgente a consolidação de uma ordem social baseada na igualdade e no respeito às diferenças, para o enfrentamento do preconceito racial e epistêmico vigente na sociedade, que as políticas educacionais afirmativas nos pro-

*O axé de antigos Itâns como literatura*

puseram a fazer há quase duas décadas. Não podemos prosseguir com o ensino somente de padrões de conhecimentos relativos apenas a uma matriz epistêmica e formativa, no caso, a europeia, insistindo em desconsiderar culturas afro-diaspóricas e ameríndias no currículo e na cultura escolar. Porém, é preciso que estejamos convencidos da relevância dessa literatura nas escolas, para que possamos convencer nossos alunos e a sociedade sobre a importância epistêmica dessas culturas da voz e seu valor formativo para as futuras gerações.

Em *Os príncipes do destino* (2001), a primeira obra do autor destinada ao público infantil, Prandi (2001, p. 113) afirma que o livro era destinado às crianças “mas a homenagem é para um homem de 93 anos de idade, Agenor Miranda Rocha, talvez o último remanescente vivo dos príncipes do destino”. Reginaldo Prandi, em parte da sua produção ensaística e literária, dedicou-se a traduzir pela escrita o saber ancestral negro africano. Nela é flagrante o interesse do autor em registrar os mitos vinculados às práticas culturais do legado iorubá no Brasil, contribuindo de maneira significativa para a preservação dessa memória.

Agenor Miranda Rocha (1907-2004) nasceu em Luanda, Angola, em 8 de setembro de 1907. Era o segundo filho de

*Dr. Jorge Garcia Basso*

um casal de portugueses, Antônio Rocha e Zulmira Miranda Rocha, que se haviam radicado na capital angolana, no início do século XX, transferindo-se para a Bahia quando o pequeno Agenor estava próximo de completar seu quarto ano de vida. Entre 1912 e 1927, portanto dos cinco aos vinte anos de idade ele receberia na Bahia uma formação afro-brasileira que seria decisiva na sua trajetória. Foi filho de santo da lendária Ialorixá Eugênia Anna dos Santos – Mãe Aninha – *Obá Biyi*,<sup>4</sup> como era conhecida pelo povo de santo, ela foi a principal referência na sua formação de matriz africana juntamente com o Babalaô<sup>5</sup> Martiniano Eliseu do Bonfim (1859 – 1943)<sup>6</sup>.

---

3. Ialorixá – Sacerdotisa do candomblé, também conhecida como mãe de santo.

4. Eugênia Ana dos Santos (1869-1938), ialorixá responsável pela iniciação de Agenor Miranda Rocha na Bahia em 1912. Mãe Aninha, como era conhecida, nasceu em Salvador, em 13 de julho de 1869, na freguesia de Santo Antônio, além do Carmo. Era filha de Sérgio dos Santos e Lucinda Maria da Conceição, um casal de africanos descendentes da nação Grúnci, uma etnia que ainda hoje habita as savanas do norte de Gana e do sul do antigo Alto-Volta, atual Burkina-Faso. A sacerdotisa era destacada liderança negra da Bahia e fundadora do Axé Opô Afonjá no Rio de Janeiro no final do século XIX e na Bahia (1910). Foi eternizada nas páginas literárias de *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, como Don’Aninha – mãe de santo protetora de Pedro Bala e seus companheiros.

5. Babalaô – Sacerdote de Orunmilá, sacerdote do oráculo de ifá, adivinho.

6. Martiniano Eliseu do Bonfim foi a figura destacada do candomblé baiano. Babalaô, adivinho e conselheiro de antigas casas de candomblé da Bahia, foi nomeado

*O axé de antigos Itâns como literatura*

Ambos o iniciaram na prática divinatória do Jogo de Búzios, por meio do qual ele se destacaria como adivinho desde a sua adolescência em Salvador, em sua maturidade, Agenor Miranda Rocha se consolidou num respeitado oluô<sup>7</sup> da tradição nagô-kêtu<sup>8</sup> baiana. No final de 1927, ele deixou a Bahia, mu-

---

presidente de honra no 2º Congresso Afro-Brasileiro, realizado em Salvador em 1937. Nasceu na Bahia, filho de pais africanos iorubás libertos que lhe deram o nome de Ojeladê. Sua mãe, Felicidade Silva Paranhos (Manjebassá), era da etnia egbá como seu pai Eliseu do Bonfim (Oya Togun). Em face da atuação de seu pai no comércio de produtos da Costa d'África, na região do Golfo de Benin, em 1875, Martiniano com dezesseis anos de idade foi levado por ele para a cidade de Lagos, onde passou onze anos estudando numa escola de missionários presbiterianos, aprendendo o inglês e o iorubá, falado e escrito. Sobre o personagem Ver: Carneiro (2008), Castillo (2011), Lima (2010), Ayoh'omidire e Amos (2012).

7. Oluô – “O dono do segredo”, o sacerdote, o adivinho; aquele que possui o conhecimento para interpretar o oráculo de Ifá ou o jogo de búzios. Significa literalmente “pai do segredo”, mas também a palavra poderia ser traduzida por “senhor do conhecimento”, porque é seu dever aprender, preservar e transmitir o vasto conhecimento oral que dá a seu povo o significado e o sentido do mundo, da vida, dos deuses e dos homens.

8. Nagô-Kêtu – O termo refere-se especialmente ao rito Nagô-Kêtu ou simplesmente nagô, importante “nação” de candomblé no Brasil. A expressão faz alusão aos povos de língua iorubá – provenientes da região sul-ocidental da atual Nigéria e sul-oriental da República do Benim –, os quais, desde as primeiras décadas do século XIX, já constituíam uma etnia demograficamente relevante entre a população africana no Brasil e especialmente na Bahia. A identidade étnica não está compreendida aqui apenas como um conglomerado de sinais diacríticos fixos (origem, parentesco biológico, língua, religião etc.), mas como um processo histórico, dinâ-

*Dr. Jorge Garcia Basso*

dando-se para o Rio de Janeiro para estudar medicina, música e canto lírico. Em meados da década de 1930, decidiu deixar a Faculdade de Medicina e seguir o magistério. Em vez de médico, tornou-se professor de Língua e Literatura Portuguesa, tendo lecionado por quarenta e seis anos na capital carioca.<sup>9</sup>

A obra tem como referência um caderno de anotações escrito em 1928, *Caminhos de Odú* (2009), que se refere aos ensinamentos por ele recebidos de sua mãe de santo Eugênia Ana dos Santos. Como eram muitos os irmãos e irmãs de santo e outras pessoas de suas relações que precisavam desse saber difícil de memorizar, nosso personagem copiou e deixou copiar, por mais de meio século, seu caderno de anotações. Em 1997, Agenor Miranda Rocha presenteou com uma cópia do seu caderno o sociólogo Reginaldo Prandi. A ideia de publicá-lo foi imediata e o Professor Agenor, não somente concordou como se prontificou a participar do trabalho de edição de sua obra. Prandi diz que “[...] o texto reproduz fielmente o

---

mico, em que esses sinais são selecionados e reelaborados em relação de contraste com outros grupos de identidade étnica de matriz africana.

9. Sobre a trajetória de Agenor Miranda Rocha, consultar Sodré e Lima (1996), Rebouças Filho (1998) e Basso (2016).



*O axé de antigos Itâns como literatura*

manuscrito original, com sua linguagem simples e saborosa”, destacando ainda que o Professor Agenor sempre dizia que buscou escrevê-lo “[...] da maneira como o antigo nagô falava” (apud ROCHA, 2009, p. 15). A obra é considerada a mais rica fonte primária brasileira de mitos iorubás, reunindo um conjunto de setenta e duas histórias ou *Itans*, acompanhadas de comentários e receitas rituais.

No livro *Os príncipes do destino* (2001), bem como na trilogia: *Ifá, o adivinho* (2002), *Xangô, o Trovão* (2003) e *Oxumarê, o arco-íris* (2004), Prandi cria uma literatura que guarda fidelidade com os enredos e o formato narrativo que encontramos nos textos canônicos dos mitos iorubanos, recolhidos por ele em seus estudos etnográficos. Em *Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo* (2007), o autor assume uma estrutura narrativa mais longa, que se aproxima do romance infantojuvenil, para contar a história de Adetutu, uma jovem africana que foi aprisionada por caçadores de escravos e transportada para o Brasil em um navio negreiro. No início da narrativa, a personagem adormece e sonha com a criação do mundo pelos orixás e, no decurso da trama, ela torce para Oxalá realizar a sua missão, ganha a cumplicidade de Exu, vibra com a atuação de Xangô e se emociona com Iemanjá.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*Dr. Jorge Garcia Basso*

Em sua obra mais recente destinada ao público infantojuvenil, *Aimó: uma viagem pelo mundo dos orixás* (2017), Prandi descreve as aventuras de uma menina igualmente nascida na África, que foi levada para o Brasil para ser escravizada, no entanto, a personagem, desde o início da narrativa, descobre-se em um lugar estranho, habitado apenas pelos orixás e espíritos que aguardavam o momento de seu renascimento. Ela não possuía nenhuma lembrança de sua família, nem de seu nome, apenas chorava por se sentir sozinha e sem saber a quem pedir socorro. Por isso, ganhou o nome Aimó, que na língua dos iorubás significa a menina que ninguém sabe quem é. Tudo o que ela quer é retornar ao seu mundo de origem, porém. para tornar isso possível, Aimó inicia uma longa jornada através dos tempos mitológicos, acompanhada por Exu e Ifá, experimentando muitas aventuras com os orixás. Só assim ela pôde adquirir o conhecimento necessário para fazer uma escolha que lhe permitiu, enfim, voltar para casa.<sup>10</sup>

---

10. Essa produção literária foi amplamente reconhecida e premiada por seu valor científico e cultural, recebendo da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) o prêmio Érico Vannucci Mendes por sua contribuição à preservação da memória cultural brasileira, bem como da Fundação Nacional do Livro Infan-

*O axé de antigos Itâns como literatura*

Explorando essas narrativas, nos aproximamos dos orixás – os deuses negros do panteão iorubá, e podemos acompanhar as histórias de Olorum, o senhor supremo e criador dos orixás, a quem delegou a criação e o governo do aiê, o mundo dos homens. Conhecemos também o orum – o céu dos orixás, de onde essas divindades controlam a vida e os acontecimentos entre os humanos. O conjunto dessas histórias míticas ensina que, desde os fenômenos naturais mais simples às atividades humanas mais complexas, tudo tem a interferência direta do orixá ou de vários deles.

Tal como em várias culturas da África ocidental, a religião impregnou todas as atividades e modos de vida, regulando e influenciando seu cotidiano, o que, num certo sentido, colaborou para a conservação e preservação de práticas culturais específicas de tradições africanas reinventadas no Brasil. O espaço geográfico da África genitora e seus patrimônios materiais e imaterial converteram-se em acervos culturais ancestrais que puderam ser parcialmente protegidos nos *egbés* ou

---

til e Juvenil (FNLIJ), com *Ifá, o Adivinho* (2002), o prêmio de Melhor Livro de Reconto. *Aimó* (2017) é uma obra de ficção ganhadora do prêmio Cátedra 10 da UNESCO.

*Dr. Jorge Garcia Basso*

comunidades-terreiros. A partir dessas narrativas o leitor pode dimensionar a profundidade do trânsito atlântico das culturas africanas em diásporas e sua importância na formação cultural brasileira, além de descortinar aspectos relevantes do complexo civilizatório iorubá.

A produção literária infantojuvenil de Reginaldo Prandi é um exemplo do esforço de vários autores para disseminar o conhecimento produzido na esfera acadêmica sobre a história africana e as culturas afro-brasileiras, o que constituiu uma experiência bem-sucedida de tradução literária e didática para o trabalho pedagógico com crianças e jovens na Educação Básica.

A importância da presença dessa literatura na escola vincula-se plenamente a uma perspectiva decolonial<sup>11</sup> e não eu-

---

11. Conforme defende a linguista norte-americana Catherine Walsh, suprimir o “s” da palavra descolonial se justifica pela necessidade de demarcar uma distinção quanto ao significado da expressão. Nas palavras da autora: “Con este juego lingüístico, intento poner en evidencia que no existe un estado nulo de la colonialidad, sino posturas, posicionamientos, horizontes y proyectos de resistir, transgredir, intervenir, in-surgir, crear e incidir. Lo decolonial denota, entonces, um caminho de lucha continuo en el cual se puede identificar, visibilizar y alentar ‘lugares’ de exterioridad y construcciones alter-(n)ativas.” (WALSH, 2013, p. 25).

*O axé de antigos Itâns como literatura*

rocêntrica de currículo e modelo formativo, como uma ação política intransigente na defesa do direito à memória e à História dos povos e culturas invisibilizados e estigmatizados no processo histórico moderno.

No panorama da produção literária destinada ao leitor infantil e juvenil no Brasil, as obras de Prandi são referências fundamentais na arte do reconto literário de antigos Itâns e mitos da tradição oral iorubana, abrindo perspectivas diversas para o trabalho pedagógico de temas referentes às culturas africanas e afro-brasileiras na escola, revelando a força e a dimensão desse acervo narrativo como legado civilizatório e poético para uma educação emancipatória e antirracista. O feitiço dessa literatura na escola é uma forma de criação literária feita para intervir e incidir sobre a razão escolar intransigente que resiste, fazendo emergir narrativas e memórias como experiências de reexistência.

*Dr. Jorge Garcia Basso*

## Referências

ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: EDUC, 2014.

AYOH'OMIDIRE, Felix; AMOS, Alcione M. O Babalaô fala: a autobiografia de Martiniano Eliseu do Bomfim. *Afro-Ásia*, n. 46, p. 229-261, 2012.

BASSO, Jorge Garcia. *Agenor Miranda Rocha: um professor entre dois mundos*. 211 f. Tese (Doutorado em Educação): Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 março de 2008*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, 11 mar. 2008.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO - BRASILEIROS

*O axé de antigos Itãs como literatura*

CARNEIRO, Edison. (2008). *Candomblés da Bahia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

CASTILLO, Lisa Earl. Between Memory, Myth and History: Transatlantic Voyagers of the Casa Branca Temple. In: ARAÚJO, Ana Lúcia (org.), *Paths of the Atlantic Slave Trade: Interactions, Identities, and Images* (Amherst, NY: Cambria Press), 2011, p. 209-210.

FANON, F. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.

LIMA, Vivaldo Costa. *Lessé Orixá: nos pés do santo*. Salvador: Corrupio, 2010.

PRANDI, Reginaldo. *Os Príncipes do destino: histórias da mitologia afro-brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

PRANDI, Reginaldo. *Ifá, o Adivinho: histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PRANDI, Reginaldo. *Xangô, o Trovão: histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PRANDI, Reginaldo. *Oxumarê, o Arco-Íris: histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REVISTA ESTUDOS  
AFRO-BRASILEIROS

*Dr. Jorge Garcia Basso*

PRANDI, Reginaldo. *Contos e Lendas Afro-Brasileiros: a criação do mundo.*

São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PRANDI, Reginaldo. *Aimó: uma viagem pelo mundo dos orixás.* São Pau-

lo: Seguinte, 2017.

REBOUÇAS FILHO, Diógenes. *Pai Agenor.* Salvador: Corrupio, 1998.

ROCHA, Agenor Miranda. *Caminhos de Odu: os odus do jogo de búzios,*

com seus caminhos, ebós, mitos e significados, conforme ensinamen-  
tos escritos por Agenor Miranda Rocha em 1928 e por ele mesmo  
revisitos em 1998. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SODRÉ, Muniz; LIMA, Luís Felipe. *Um vento sagrado: história de vida de*

■ um adivinho da tradição nagô-kêtu brasileira. Rio de Janeiro: Mauad,  
1996.

SARLO, B. (1995). *Paisagens imaginadas.* São Paulo: Edusp.

THIONG'O, W.N. *Descolonizar la mente: La política lingüística de la lite-*

ratura africana. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial,  
2015.

WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de re-*

sisitir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Serie Pensamiento Decolonial.  
Quito: Abya Yala, 2013.